



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

KLÉCIO DE ASSIS RAIMUNDO

**A RELAÇÃO SILÁBICO-ACENTUAL NO RITMO DA FALA POR FALANTES
BRASILEIROS DE INGLÊS COMO L2**

**GUARABIRA
2019**

KLECIO DE ASSIS RAIMUNDO

A RELAÇÃO SILÁBICO-ACENTUAL NO RITMO DA FALA POR FALANTES
BRASILEIROS DE INGLÊS COMO L2

Artigo apresentado ao Departamento de Letras da Universidade da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado Licenciatura em Letras, habilitação em inglês.

Orientador: Prof. Dr. Leônidas Jose da Silva júnior.

GUARABIRA
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R153r Raimundo, Klécio de Assis.

A relação silábico-acentual no ritmo da fala por falantes brasileiros de inglês como L2 [manuscrito] / Klecio de Assis Raimundo. - 2019.

26 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior, Departamento de Letras - CH."

1. Ritmo. 2. Dicotomia. 3. Inglês. I. Título

21. ed. CDD 420

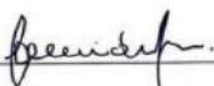
KLÉCIO DE ASSIS RAIMUNDO

A RELAÇÃO SILÁBICO-ACENTUAL NO RITMO DA FALA POR FALANTES
BRASILEIROS DE INGLÊS COMO L2


Artigo apresentado ao Departamento de Letras
da Universidade da Universidade Estadual da
Paraíba, Campus III, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduado Licenciatura
em Letras, habilitação em inglês.

Aprovada em: 04/06/2019

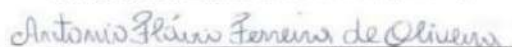
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Leônidas José da Silva Junior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Dando graças constantemente a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.” (Efésios 5:11).

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu pai, que me sustentou nos momentos mais difíceis e me fez erguer a cabeça, DEDICO.

Aos meus pais Vanusa de Assis Raimundo e Ronaldo Adriano Raimundo, por sempre estarem incentivando e torcendo por mim. A meu irmão Ronald de Assis, DEDICO.

A minha esposa Amanda Santos, pelo seu amor e por sempre estar ao meu lado em todas as ocasiões, trazendo palavras de ânimo, DEDICO.

Aos meus amigos do Curso de Letras-Inglês 2014.1 que contribuíram para o desenvolvimento intelectual e psicológico, em especial a Cristóvão Lucena, Santos Neri, Joseane Batista, Bell Silva, Luan Roney, Alexandre Dionísio e Pedro Gomes, DEDICO.

A meu professor, orientador e amigo, Leônidas José da Silva Junior, pela paciência e por ter acreditado no meu potencial desde o início, quando não tinha nenhum conhecimento acerca da Fonética-Fonologia não desistiu de me ensinar e ajudar, DEDICO .

Aos meus ex-professores do Curso de Letras-Inglês, em especial Auricélio Soares, Benigna Diniz, Clara Vasconcelos, William Sampaio, DEDICO.

Por fim, agradeço a UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) e ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) por terem me dado a oportunidade de fazer parte do PIBIC (Programa Institucional com Bolsa Iniciação Científica), a qual me possibilitou aprender mais da fonética e fonologia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Visualização das camadas de tratamento da frase: “she is very old, but still attractive.”.....	19
Figura 2 –	Visualização das camadas VC na frase: “i want to stay at home but i need to go a library.”.....	20
Figura 3 –	Espectrograma com visualização da duração, transcrição fonética e divisão entre vogais e consoantes, produzido por um norte americano.....	21
Figura 4 –	Espectrograma com visualização da duração, transcrição fonética e divisão entre vogais e consoantes, produzido por um brasileiro (nível de proficiência avançado).....	21
Figura 5 –	Espectrograma com visualização da duração, transcrição fonética e divisão entre vogais e consoantes, produzido por um brasileiro (nível de proficiência alto-intermediário).....	22

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Duração normalizada das vogais (%V).....	23
Gráfico 2 – Duração normalizada das consoantes (%C).....	23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O RÍTMO LINGUÍSTICO.....	12
2.1 O ritmo linguístico no português brasileiro.....	14
2.1.1 Aquisição e ritmo do inglês.....	17
3 METODOLOGIA.....	18
3.1 Coleta de dados.....	18
3.2 Análise acústica e estatística dos dados.....	19
4 RESULTADOS E DISCURSÃO.....	20
5 CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS.....	24

**A RELAÇÃO SILÁBICO-ACENTUAL NO RITMO DA FALA POR FALANTES
BRASILEIROS DE INGLÊS COMO L2**

KLÉCIO RAIMUNDO

RESUMO

Muito se tem estudado sobre transferências fonético-fonológicas no nível segmental do português brasileiro (L1) quanto à aquisição tardia do inglês como língua estrangeira (L2), pouco, porém, às características prosódicas da L1 incidindo na produção da L2, sobretudo no que toca em aspectos rítmicos. A dicotomia [\pm silábico/acental] tem sido discutida a mais de sete décadas (cf: Pike, 1945) e continua sendo um assunto bastante debatível pela literatura. Estudos como os de Major (1981), Dauer (1983, 1987), Roach (2009), Avery e Ehrlich (2012) dentre outros apontam para as dificuldades que brasileiros têm para produzir o inglês como L2 é o ritmo no qual o português brasileiro é categorizado, [+ silábico] diferindo do inglês, [+ acental]. O presente trabalho tem o objetivo de mostrar, através de uma pesquisa comparativa que essa diferença rítmica de falantes brasileiros de inglês como L2 e falantes nativos de língua inglesa não é algo categórico, mas sim, dinâmico no continuum da fala. Para a metodologia da pesquisa, foi realizada uma coleta de dados de falantes brasileiros – com níveis de proficiência: Intermediário e Avançado - e nativos do inglês americano para análise do ponto de vista fonético-acústico e estatístico a partir da leitura de dez enunciados. Para análise acústica, os dados foram rodados no Praat (Boersma & Weenink, 2018) e para a estatística, utilizou-se a técnica de Regressão Linear no Microsoft Excel. Concluiu-se – a partir dos dados aqui apresentados - que independente do nível de proficiência, os brasileiros produzem o inglês como L2 de forma distinta aos americanos no que toca o ritmo da fala, todavia, de modo não-binário, mas, contínuo, visto que os americanos deslocam sua produção fonética no eixo silábico-acental.

Palavras-chave: Ritmo. Dicotomia. Inglês.

ABSTRACT

The learning about phonetic-phonological transferences at the segmental level of Brazilian English (L1) regarding the late production of English as the foreign language (L2), but little to the prosodic characteristics of L1 in the production of L2, especially with regard to aspects rhythmic. A dichotomy has been discussed for more than seven decades (Pike, 1945) and is still a little too much debated by literature. Studies such as Major (1981), Dauer (1983, 1987), Roach (2009), Avery and Ehrlich (2012), among others, that point to the difficulties that the English has to produce English as L2 is the rhythm no longer Brazilian is categorized, [+ syllabic] differing from English, [+ accentual]. The present work aims to show, through a comparative research that this is the rhythmic of Brazilian speakers of English as L2 and English speakers are not something that categorically, but rather, dynamic in the speech continuum. For comparison purposes, the analysis data are: Intermediate and Advanced - Analysis of English for the Phonic - Active Viewpoint and Statistics From the Reading of Ten Statements. For acoustic analysis, the data were developed in Praat (Boersma & Weenink, 2018) and for a statistic, using a Linear Regression technique in Microsoft Excel. It was concluded - from the data inserted in the levels of proficiency, those that are elaborated in the United States as a way of distinguishing the Americans and that they do not that they delocalized their phonetic production in the syllabic-accentual axis.

Keywords: Rhythm. Dichotomy. English.

1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem de uma segunda língua (doravante L2) é incontestável, pois, o conhecimento adquirido através de outro idioma amplia a capacidade de abstração dos indivíduos, compreendendo novos conceitos como resultado, expandindo seu senso crítico. Neste viés, O inglês, se tornou uma das línguas mais importantes da atualidade, pois, cria ligações entre as mais distintas culturas e áreas do conhecimento, tornando-se alvo de escolha de diversos aprendizes.

Os brasileiros falantes de inglês como L2 passam por desafios no processo de aquisição, visto que a L1 tem peculiaridades que se diferem do português brasileiro (doravante PB), em inúmeros aspectos. Dessa forma, é recorrente que os iniciantes apresentem dificuldades na produção e compreensão de alguns segmentos fonético-fonológicos. Conseqüentemente, transferindo características da língua materna (doravante L1) na produção da L2, sobre tudo no que diz respeito às questões rítmicas.

O ritmo linguístico é um elemento prosódico intrinsecamente ligado à métrica, uma vez que se compõe de sucessões isócronas de batidas fortes e fracas no discurso. No que tange às línguas no mundo, podemos dividir o ritmo de forma dicotômica, acentuais (*stress-timed*) e silábicas (*syllable-timed*), as quais o português brasileiro é categorizado [+silábico] e o inglês [+acentual], nas línguas de ritmo silábico são destacados os intervalos de tempo semelhantes no domínio das sílabas, em contra ponto, nos idiomas acentuais a ênfase acontece nos intervalos entre os acentos. Dessa forma, dispendo de perspectivas isócronas divergentes.

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar através de uma pesquisa, comparativa e qualitativa que a diferença rítmica de falantes brasileiros de inglês como L2 e falantes nativos de língua inglesa não é algo categórico, mas sim dinâmico no *continuum* da fala, explicitando mediante uma análise acústica.

A importância desta pesquisa é em contribuição a aportes teóricos e que visa a sua relevância pela escassez de material desta vertente a qual investiga o ritmo linguístico relacionado ao inglês como L2.

Para nortear o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos os princípios dos seguintes teóricos: Major (1981), Dauer (1983, 1987), Couper-kuhlen (1993), Avery e Ehrlich (2012), Cumming (2012), Barbosa & Madureira (2015) dentre outros.

A pesquisa foi dividida da seguinte forma:

Na seção 1, discorreremos a fundamentação teórica, na qual será exposto o objeto de estudo, mostraremos alguns trabalhos relevantes acerca do ritmo linguístico ao longo do

tempo. Ainda discutiremos o ritmo no português brasileiro e os aspectos rítmicos do inglês como L2. Na seção 2, trataremos da nossa metodologia, esclarecendo o método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa, como se realizou a coleta e o tratamento acústico das amostras, destacando as técnicas utilizadas para a análise dos dados. Na seção 3, apresentaremos os resultados obtidos, a qual discutiremos acerca do ritmo linguístico dos brasileiros falantes de inglês como L2. Mostraremos as medidas normalizadas das vogais e consoantes e traremos uma análise do ponto de vista fonético-acústico e estatístico. Por fim, trataremos das considerações finais da nossa pesquisa, bem como refletiremos as pesquisas futuras.

2 O RITMO LINGUÍSTICO

O ritmo é um elemento intrínseco aos seres humanos e em âmbito linguístico está ligado a repetições regulares do tempo, com acentos fortes ou fracos. De acordo com Crystal (1988), o ritmo linguístico está relacionado a um processo constante de repetição nas unidades proeminentes da fala. Para o autor, os aspectos de duração são observáveis através de padrões regulares no ato de fala. Deste modo, tendo em vista a complexidade do tema abordado, faz-se necessário uma retomada histórica, observando as divergências e convergências dos autores acerca do tema supracitado.

O ritmo linguístico tornou-se objeto de estudo de inúmeros pesquisadores ao longo do tempo. Inicialmente, os filósofos Gregos identificavam o fenômeno ritmo (*ῥυθμός*), como “movimento mensurável”. Aristoteles apresentou o ritmo como um parametro estabelecido de forma compulsoria à fala ou aspectos sonoros diversos. Posteriormente, Steele (1775), em seu trabalho, *An Essay towards Establishing melody and measure of speech to Expressed 24 and Perpetuate by peculiar Symbols*, analisou o inglês, considerando aspectos melódicos e ritmos, para os quais se utilizou de técnicas da teoria musical, para fazer um estudo comparatista (CUMMING, 2010). De acordo com Couper-Kuhlen (1993, p.5) o estudo referido surgiu em contra ponto a teoria do *Lord James Burnet*.

O estudo sobre o ritmo em língua inglesa começou com publicação do manuscrito de Joshua Steele chamado *An Essay towards Establishing melody and measure of speech to Expressed 24 and Perpetuate by peculiar Symbols* (1775) que vem a surgir com as questões de isocronia na língua inglesa. Era uma refutação contra a teoria do Lord James Burnet, em que ele alegava que a língua inglesa não tinha melodia nem ritmo.

Burnet (1774) apresenta em seus estudos concepções acerca do ritmo linguístico na língua inglesa, as quais se divide em dois aspectos, acento (alto e baixo) e quantidade (longo e breve). Por outro lado, Stelle (1775) mostra um ponto de vista mais abrangente, ele afirma que no inglês é perceptível uma maior elevação de voz para diferenciar as sílabas proeminentes. Partindo desse ponto, o autor subdivide o inglês em quatro elementos prosódicos distintos: Acento = tom: crescente, decrescente e combinado; Quantidade = duração: longa breve; Pausa = silêncio: semibreve, mínima, cocheia e fusa; Ênfase = peso: pesado e leve (SILVA Jr, 2013).

De acordo com Jones (1918) e relatado por Couper-Kuhlen (1993 *apud* SILVA Jr, 2013), o estudo feito afirma que é recorrente, no ato de fala, a presença de sílabas fortes em intervalos de tempo semelhantes. Entretanto, a duração dessas sílabas dependente de alguns fatores presentes no enunciado, os quais influenciam diretamente na duração das sílabas predominantes. O autor destaca que uma vogal 'longa' ou ditongo em uma sílaba proeminente torna-se mais curta se precedida por uma sílaba átona. Assim, quanto maior for o número de sílabas átonas menor é a duração das vogais acentuadas.

Outros estudiosos da área também fizeram algumas observações acerca o ritmo linguístico décadas depois. Pike (1945 *apud* SILVA Jr, 2013) expõe uma relação dicotômica acerca das noções rítmicas da fala, classificando as línguas do mundo em dois grupos rítmicos distintos: *stress-timed* (ritmo acentual) e *syllable-timed* (ritmo silábico). Logo, nas línguas de ritmo [+acentual] as sílabas não-acentuadas modificam-se de forma que as acentuadas tenham uma regularidade no tempo, dando origem ao que chamamos de isocronia acentual. Por outro lado, nas línguas de ritmo [+silábico] o enfoque é no âmbito das sílabas, as quais são espaçadas de forma regular no tempo, isto é, isocronismo silábico.

Abercrombie (1967 *apud* CUMMING, 2012) em seus estudos faz uma afirmação que teve grande relevância nas pesquisas relacionadas ao ritmo linguístico. O autor descreve algumas evidências trazidas por Lloyd James, Pike, dentre outros autores que realizaram pesquisas com relação ao tema supradito. Posteriormente escreveu algumas páginas sobre o ritmo em seu livro de fonética geral. Abercrombie, ainda reafirma as ideias trazidas por Pike (1945) estabelecidos em línguas, podem ser categorizadas ritmicamente de forma dicotômica, *stress-timed - syllable-timed*.

O estudo de Allen (1968 *apud* MASSINI, 2010) objetiva que a percepção dos aspectos rítmicos, de maneira geral, é intrínseco aos seres humanos e de extrema importância, visto que o ritmo não está ligado apenas a vertentes linguísticas. Na fala, o ritmo é percebido como uma atividade natural, a qual, para um entendimento mais amplo é necessário captar as sequências

semelhantes no tempo. A autora afirma que mesmo diante de sequências temporais com sons similares costumamos ouvir ritmo onde não existe. Deste modo, a percepção do ritmo da fala é, por muita das vezes, estão correlacionadas.

Dauer (1983 *apud* COUPER-KUHLEN, 1993), em seus estudos do ritmo, categoriza algumas línguas de acordo com a dicotomia apresenta por Pike (1945). O autor classifica algumas línguas de ritmo acentual (*stress-timed*), como: Inglês, Russo, Alemão, Árabe, Tailandês (conversação) português do Brasil, Newari, Chepang, Gurung, Tamang; e outras como língua de ritmo silábicos (*syllable-timed*) como: Francês, Espanhol, Yoruba, Telugu, Hindi, Tamil, Indonésio, Japonês.

Halliday (1985) também aponta que a divisão dicotômica entre as línguas e afirma que é perceptível a noção de ritmo nos discursos casuais, concebidos de forma espontânea. O autor ressalta que o ritmo linguístico em situações habituais tem uma maior regularidade na fala, perceptível audivelmente. Corroborando com esse pensamento Cagliari (2012) diz que: “o ritmo é um fenômeno que depende mais da mente do falante [...]”.

2.1 O ritmo linguístico no português brasileiro

Massini-Cagliari (1992) aponta que o ritmo linguístico é, por inúmeras vezes, ligado a noções de duração/tempo. A autora avalia que são poucos os estudos acerca do ritmo na língua portuguesa, e apresenta algumas das primeiras pesquisas que tiveram o ritmo linguístico na língua portuguesa como foco principal.

Cagliari (1982 *apud* MASSINI-CAGLIARI, 1992) segue a mesma linha de pensamento estabelecida por Abercrombie, tendo em vista algumas características específicas para desenvolver seus estudos. O estudo destaca que “sua preocupação é discutir e explicar as principais unidades que podem (ou “devem”, na sua opinião) ser objeto de um estudo rítmico da fala – sílabas, moras, pés, grupos tonais, impulso e repouso, icto e rênis, ásis e tésis -, [...]” (MASSINI-CAGLIARI, 1992, p. 44) .

O português brasileiro tornou-se uma das línguas alvo dos estudos de caráter rítmicos. Major (1981) em seus estudos advoga que o português brasileiro é categorizado [+acentual] através de indícios que comprovaram parcialmente essa ideia. Massini-Cagliari (1992) reitera a ideia trazida por Major (1981). Em seus estudos afirma que o português brasileiro é propenso a ser classificado como uma língua de ritmo acentual. Uma vez que os intervalos duracionais entre os acentos não correspondem com a quantidade de sílabas entre os acentos. A autora ainda declara que em um diálogo informal os falantes tendem a fazer uma suspensão

das sílabas não acentuadas otimizando o efeito de igualdade silábica em cada pé (“stress-group”).

Ao analisar alguns componentes fonológicos, Moraes e Leite (1989) apontam, após análise realizada acerca da duração de cada “pé”, que o português brasileiro não possui um ritmo categórico, constitui-se de forma heterogênea, ou seja, apresenta características acentuais e silábicas (SILVA Jr. 2013). Os teóricos realizaram a pesquisa partindo das seguintes conjecturas:

- I- se o ritmo fosse puramente acentual, a duração dos pés – curtos, médios ou longos – seria a mesma e, conseqüentemente, a duração silábica maior nos curtos, “neutra” nos médios e menor nos longos; (Moraes & Leite 1989: 8-9)
- II- se o ritmo fosse puramente silábico, a duração silábica seria sempre a mesma, e os pés curtos teriam a metade da duração dos médios, que, por sua vez, teriam a metade dos longos. A duração dos pés seria proporcional ao seu número de sílabas. (Moraes & Leite 1989: 8-9)

Tendo em vista a citação supracitada, o ritmo no português é caracterizado pela oscilação entre o ritmo silábico e acentual, alguns autores como Ramus, Nespôr, Melher (1999) e Barbosa (2000 apud SILVA Jr, 2013) Assim, a ideia é sustentada através de seus estudos que comprovam as alternâncias existentes entre os diferentes padrões rítmicos de um enunciado. Confirmando isso, pois o autor estabelece que “[...] o PB é uma língua do tipo misto, ou seja, oscila entre o ritmo silábico e o acentual citando alguns processos fonológicos” (SILVA Jr, 2013, p.59).

Major (1981 apud BARBOSA, 2000); SILVA Jr (2013) em seus estudos examinou o português do Brasil, a partir da observação de aspectos duracionais, inferiu que o PB apresenta características das línguas de ritmo acentual, semelhante ao inglês. O autor destaca cinco motivos para justificar essa classificação.

- i) Não há proporcionalidade direta entre duração de grupo inter-acentual e número de sílabas. A afirmação é, portanto uma característica universal do ritmo (acentual ou silábico) e não uma defesa de um suposto ritmo acentual. Durações inter-acentuais estarão usualmente em menor número. Por exemplo, em palavras como ‘thirteen’, ‘Alaska’, ‘administration’ – e em PB – ‘café’, ‘fábrica’, ‘dialeto’ são exemplos de que de [onsetV-onsetV] os grupos acentuais estarão em menor número; (SILVA Jr, 2013, p.62)
- ii) Diferenças das durações perceptuais não são perceptíveis. Para determinação do isocronismo em percepção, duas durações que diferem pelo JND21 não

são vistas como distintas. Essa conclusão também se refere a um fenômeno presente em qualquer língua; (SILVA Jr, 2013, p.62)

- iii) Quanto mais sílabas se acrescentam a uma radical / palavra primitiva, mais curta a palavra se torna. Outra característica universal: quanto mais sílabas se acrescentam a uma palavra primitiva, mais curtas se tornam as sílabas que já estavam presentes nessa palavra. Como exemplo, ‘melhor’, ‘melhoria’, ‘melhoramento’; (SILVA Jr, 2013, p.62)
- iv) O apagamento de sílabas não-acentuadas na fala espontânea equilibra o número de sílabas e os grupos inter-acentuais. Esse fato é um processo fonológico presente em qualquer língua do mundo e é devido à hipoarticulação (Lindblom; 1990)²². (SILVA Jr, 2013, p.62)
- v) Há processos de neutralização e redução silábica favorecendo o ritmo acentual. Todavia, há também processos fonológicos – de redução como monotongação - que atuam como processos vivos na direção oposta, ou seja, que favorecem o ritmo syllable-timing. Exmplos de monotongação de "ou" e "ei" (/oo/ → [o] e /ey/ → [e]) em palavras frequentes como louco [ˈlo.ko], pouco [ˈpo.ko] e madeira [ma.ˈde. rɐ], boqueira [bo.ˈbe. rɐ]. Epêntese de [I] entre sequências de consoantes (que nunca ocorrem em português europeu) como em psicologia [pɪ.si.ko.lo.ˈziɐ.], admitir [a.dɪ.mi.ˈtɪh], optar [o.pɪ.ˈtah]. A vogal epentética [I] pode ser encontrada mesmo em estilos de elocução coloquiais. De acordo com Abaurre-Gnerre (1981), em algumas variedades do PB, uma regra de abaixamento é encontrada em posição pré-tônica. Major, (1985, p. 263), mostra que o PB possui apenas dois segmentos vocálicos nasalizados em posição pós-tônica quando na verdade temos cinco: [ĩ], como em ínterim; [ẽỹ] como em hífen; [ɐ], como em ímã; [õ], como em fóton e [ũ], como em álbum. (SILVA Jr, 2013, p.62-63)

Cagliari (2002b *apud* MAGLIORINI, s/d) ressalta que para uma pesquisa, relacionada ao ritmo, obter um resultado coerente é necessário considerar algumas perspectivas importantes, como as variações linguísticas existentes e a velocidade do discurso no ato de fala. O autor também destacar que há uma má interpretação acerca da definição, a qual categoriza algumas línguas como mistas, ele faz a seguinte afirmação que “não existe uma língua que tenha um ritmo misto, o que há, na verdade, é uma má compreensão da definição de ritmo silábico” (MAGLIORINI, s/d, p.5).

Como podemos ver, há uma grande discordância entre os autores no que tange a classificação “correta” para o ritmo do português brasileiro [+silábico] ou [+acentual], desta forma, o ritmo linguístico no PB tornou-se um assunto de debate na literatura.

Nesse pensamento Silva (2013) cita alguns estudiosos que qualificam o PB como uma língua de ritmo [+silábico], tais como: “[...] Abaurre-Gnerre (1981) – exibindo processos de reforço (epêntese) para alguns dialetos do PB; Cagliari & Abaurre (1986) com o uso das medidas de dispersão da duração de grupos inter-acentuais; Moraes & Leite (1992) [...]” (SILVA, 2013, p.64).

2.1.1 Aquisição e ritmo do inglês como L2

L1 e L2 se assemelham quanto ao processo de aquisição. No entanto, é necessário ressaltar alguns fatores que possam influenciar este processo. Autores com Cooper (1970) e Corder (1967) declaram que a aquisição de uma L1 na infância e de uma L2 na fase adulta passam pelos mesmos percalços, visto que os aprendizes, em ambas as situações, cometem erros em suas escolhas, tanto na produção oral quanto na escrita. Seguindo esse pensamento, Taylor (1974, p.25 *apud* FIGUEIREDO, 1995, p.40) aponta que os aprendizes de L2 tendem a cometer alguns equívocos quando postos em uma situação de uso da língua-alvo. Logo, os aprendizes transferem característica da L1 para a L2.

A imersão dos aprendizes em um ambiente propício à aquisição favorece o desenvolvimento das competências linguísticas necessárias para o uso pleno da língua-alvo, independente da faixa etária. A exposição é um fator determinante no processo de aquisição, na infância os indivíduos possuem uma maior capacidade para o desenvolvimento de habilidades indispensáveis, obtendo um maior desempenho. Nessa perspectiva, Furtado-Silva Jr (2016) estabelecem que *“os mais jovens quando expostos a um novo idioma tendem a terem melhores chances no que se diz respeito à aquisição de uma L2. Por outro lado, os adultos em processo de aquisição da L2 são qualitativamente diferentes na aquisição de L1”* (FURTADO e SILVA Jr, 2016, p. 2, grifo nosso).

Há varias problemáticas existentes no processo de aquisição de uma segunda língua. Durante o ato de fala em L2 é inerente à ocorrência de inúmeras transferências fonético-fonológicas da L1 para L2 neste processo. Pois, quando iniciada de forma tardia, o sistema linguístico da língua materna incide na segunda língua, causando modificações fonético-fonológicas. Nesse ponto de vista, o estudo de Silva (2015) relata que os aprendizes brasileiros de inglês como L2 transferem inúmeros aspectos da língua materna, tais como:

lexicais, fonológicos e sintáticos. Visto isto, os falantes nativos de português brasileiro, considerado [+silábico], modificam algumas características do inglês, considerado [+acentual] corroborando o que foi dito por Furtado e Silva Jr (2016, p. 4) em que os autores afirmam que “*Os aprendizes de L2 podem, de início, acabar produzindo sons que correspondam na L1, isso ocorre porque o sistema fonológico do aprendiz já está enrijecido/composto por um sistema adquirido desde a infância e com difícil mudança na fase adulta.*”

3 METODOLOGIA

3.1 Coleta de dados

Nosso estudo é de caráter qualitativo e quantitativo. O trabalho foi desenvolvido através de um grupo experimental (GE), composto por dois informantes brasileiros falantes de inglês como L2, um com o nível alto-intermediário e outro com nível avançado, ambos professores de língua inglesa, além de um grupo controle (GC), formado por um estadunidense.

Foram analisadas 20 amostras do GE e 10 amostras do GC. A quantidade total de produções geradas a partir das respectivas amostras foi de 60 GE e 20 GC, visto que cada grupo foi instruído a repetir, de forma dissemelhante, por 03 vezes o experimento. O ambiente de coleta foi devidamente preparado, contendo em seu interior apenas o informante pesquisador para que não houvesse interferência no material fonético.

Utilizamos para coleta os seguintes equipamentos e seus atinentes aspectos: gravador: *zoom H1 handy PCM recorder 200m*; microfone: *on-board BM800 Condenser microfone*; Taxa de amostragem: *44100 Hz*; Taxa de quantização: *16 bits*; Relação sinal-ruído *> 30 dB*.

O microfone foi mantido em uma distância recomendada (10cm) afim de que o material coletado não sofresse alteração. As frases foram expostas em ordem numérica criada no programa Word.

Os dados foram coletados a partir da leitura de dez orações coordenadas em língua inglesa. Observemos abaixo as sentenças constituintes do *corpus*.

1. *I want to stay at home, but I need to go to a library.*
2. *He was celebrating, because he was approved.*
3. *I wanted to text you, but I don't have your cell phone number.*
4. *I go to the mall every week, because I love windowshopping.*
5. *The virus cannot live in immunized individuals, nor in nature.*
6. *Playing soccer in the park is entertaining in the winter, but it's better in the heat of summer.*

7. *Nobody talks to Paul because he looks mad.*
8. *I always take a book to read, yet I never seem to turn a single page.*
9. *She is very old but still attractive.*
10. *Paul thought he had a great chance to be accepted at YALE, because his grandfather taught him many things.*

3.2 Análise acústica e estatística dos dados.

Após a coleta os dados foram analisados acusticamente utilizando-se do programa computacional PRAAT 6.0 (BOERSMA e WEENINK, 2018). O software foi utilizado para que os dados colhidos fossem devidamente segmentados e etiquetados, uma vez que cada amostra analisada obtivesse cinco camadas de tratamento, nomeadas da seguinte maneira: 1- Words; 2- IPA; 3- V/C; 4- V/C RPT; 5- Sentence, como destaca a figura abaixo.

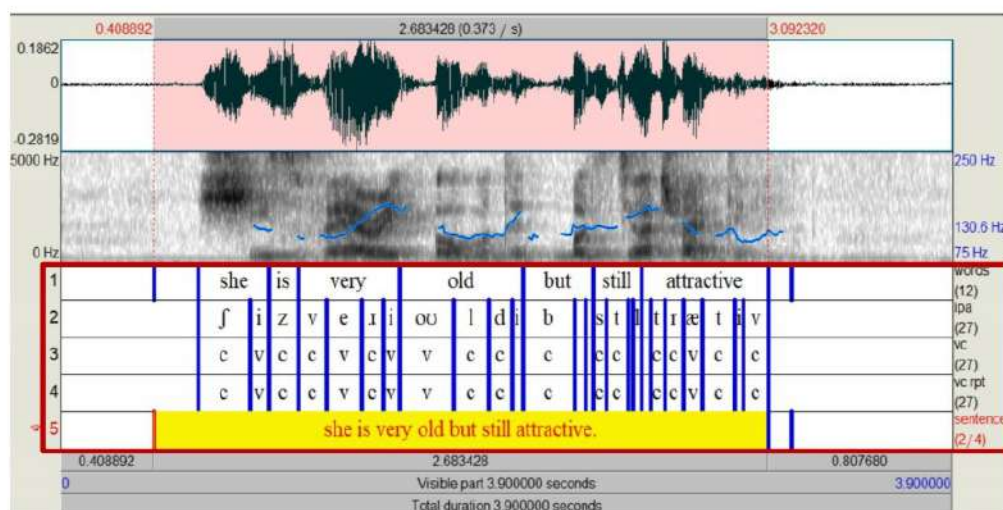


Figura 1: Visualização das camadas de tratamento da frase: “*she is very old, but still attractive.*”

Levando em consideração os dados segmentados, foi utilizado para análise estatística a técnica de Percentual Duracional de Vogal (%V) e Consoantes (%C). Os valores de duração foram extraídos e normalizados pelo script RawMedDuration version 1.0 (Silva Jr. 2018) a partir das camadas VC de cada amostra obtida. Em seguida, analisados através de estatística descritiva (medidas de frequência relativa das durações de V e C) a partir do programa *Microsoft Excel*.

Podemos observar na figura 2 as camadas VC em destaque.

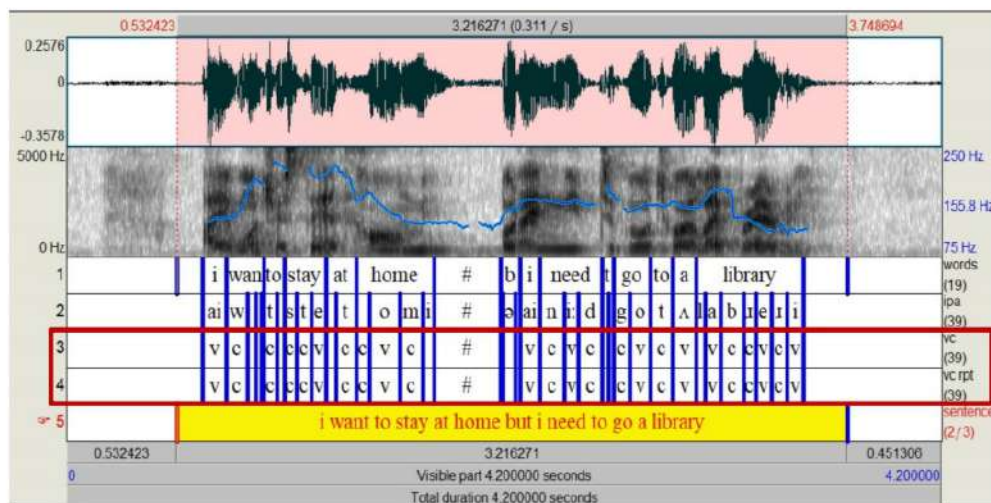


Figura 2: Visualização das camadas VC na frase: “*i want to stay at home but i need to go to a library.*”

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A priori a análise tomou como ponto de partida para a verificação de aspectos rítmicos da fala, tendo em vista a duração das vogais e consoantes produzidas por informantes brasileiros falantes de inglês como L2 do nível alto-intermediário e avançado em comparação com um informante nativo de língua inglesa. Dessa forma, a pesquisa mostra que neste viés o ritmo não é categórico, mas sim dinâmico no *continuum* da fala, bem como a transferência fonológica existente entre o português brasileiro, categorizado mais silábico, e a língua inglesa categorizada mais acentual.

Observemos a seguir, a produção da frase: *I always take a book to read ,yet I never seem to turn a single page.*

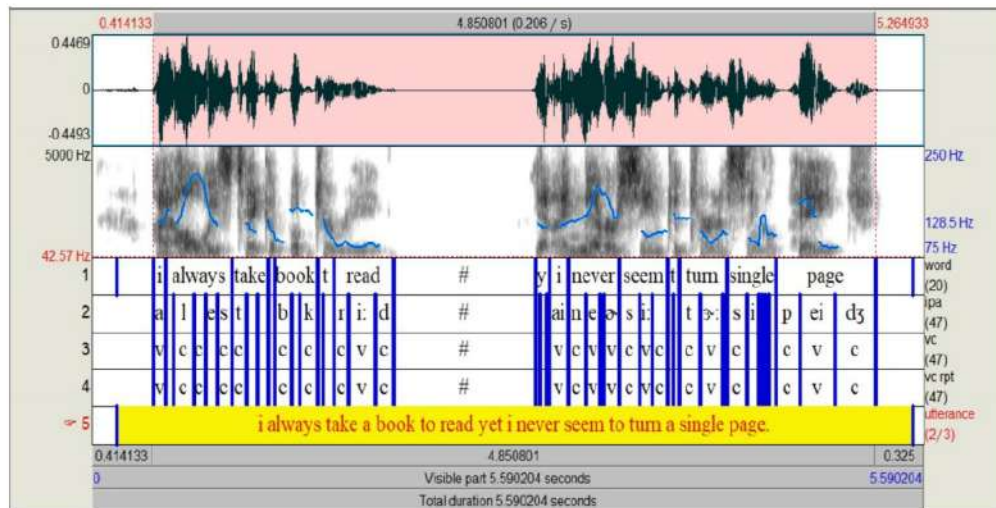


Figura 3: Espectrograma com visualização da duração, transcrição fonética e divisão entre vogais e consoantes, produzido por um norte americano.

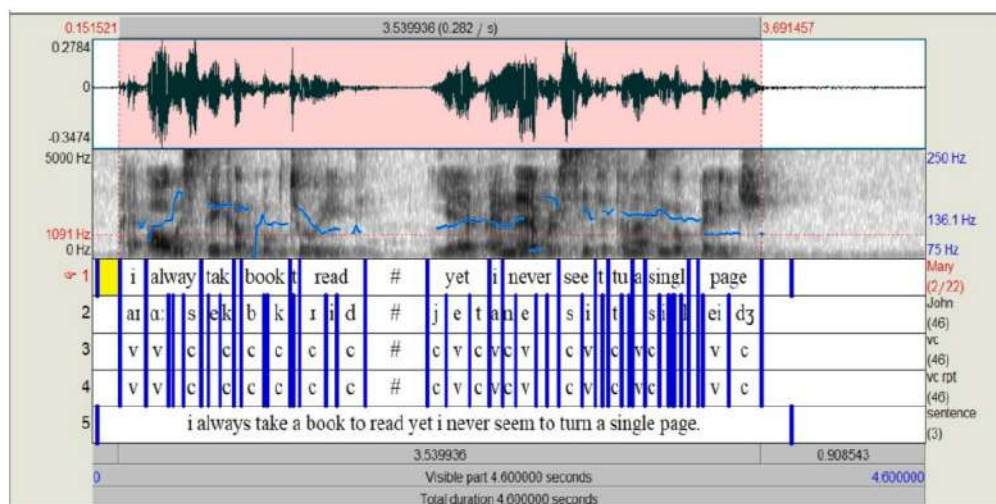


Figura 4: Espectrograma com visualização da duração, transcrição fonética e divisão entre vogais e consoantes, produzido por um brasileiro (nível de proficiência avançado).

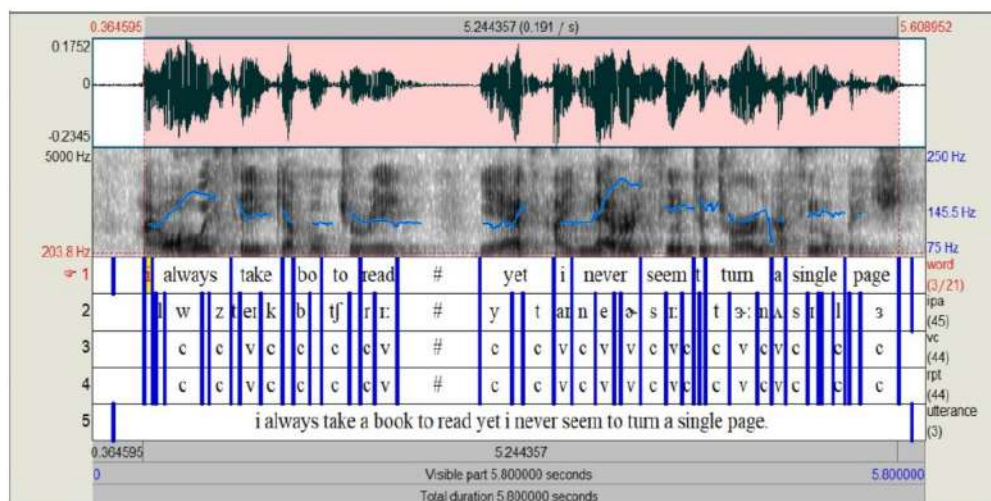


Figura 5: Espectrograma com visualização da duração, transcrição fonética e divisão entre vogais e consoantes, produzido por um brasileiro (nível de proficiência alto-intermediário).

Observando as imagens 1, 2 e 3 é perceptível a análise acústica feita através do software *PRAAT*. Através dele foi possível obter algumas informações essenciais para o andamento da pesquisa.

Naturalmente os falantes brasileiros de inglês como L2 tendem a manter um ritmo parecido com o do PB, pois, no processo de produção oral algumas características da L1 incidem sobre a L2. Desse modo, as sentenças possuem um padrão silábico notório. Contudo, ao fazer uma análise inicial foi percebido que não há uma diferença categórica entre a produção do informante norte americano e dos brasileiros.

Nos gráficos 1 e 2, veremos os resultados obtidos através da análise do perceptual de duração e valores da normalização das vogais (%V) no gráfico 1 e consoantes (%C), no gráfico 2, de todas as frases do *corpus* produzidas pelos informantes brasileiros e o nativo.

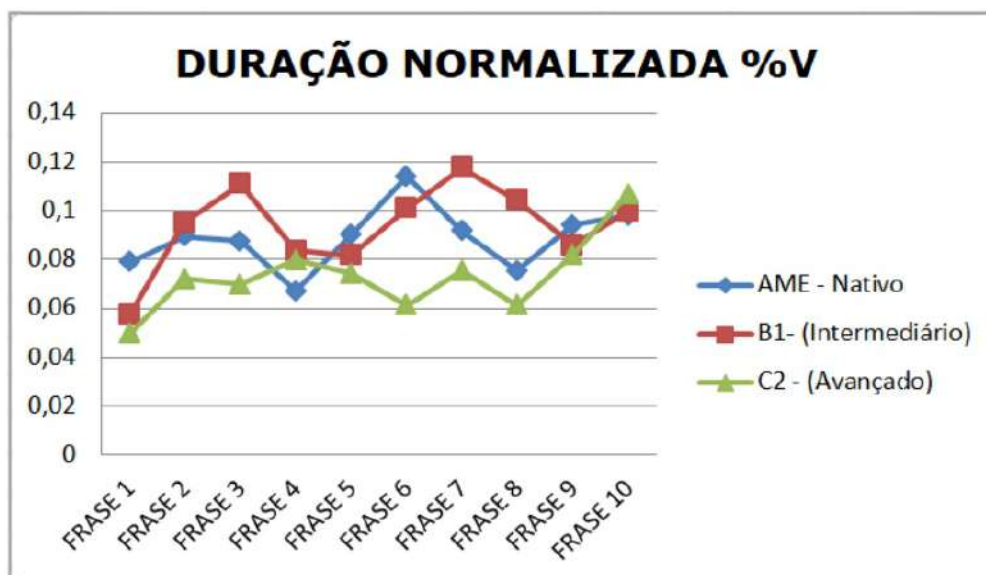


Gráfico 1: Duração normalizada das vogais (%V).

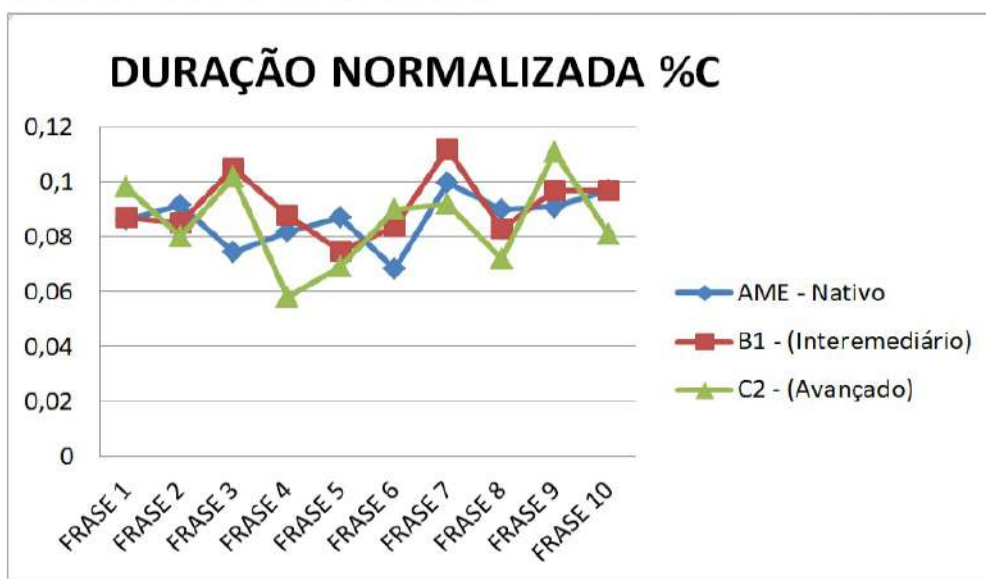


Gráfico 2: Duração normalizada das consoantes (%C).

Em nossos dados, após o resultado obtido através da normalização das vogais e consoantes, não tivemos uma diferença significativa entre os informantes brasileiros e o nativo, considerando os aspectos duracionais das vogais e consoantes. Logo, a L1 não incidiu a ponto de interferir no padrão rítmico da fala dos brasileiros. Ainda assim, o informante brasileiro (avançado) apresentou uma diferença maior se comparado com o nativo, na frase 6

(normalização das vogais) e na frase 4 (normalização das consoantes). Ainda, é nítido que o informante brasileiro (nível avançado), no que concerne as vogais, teve uma duração mais curta que o nativo.

5 CONCLUSÃO

Por meio dos resultados obtidos através da análise dos dados, concluímos que em nível de proficiência alto-intermediário e avançado - como os brasileiros de nosso trabalho - a produção do inglês como L2 não diverge significativamente do nativo no que diz respeito o ritmo da fala no eixo dinâmico silábico-acental. Dessa forma, a leitura de palavras e frases se mostrou inconclusiva.

Segundo Avery & Ehrlich (2012 *apud* SILVA Jr, 2013) no PB é natural que as vogais tenham uma duração mais alongada, diferente da língua inglesa. Desse modo, o português brasileiro, naturalmente, afeta a produção do ritmo da língua inglesa, visto que há algumas alterações palavras não sofrem redução temporal.

Diante da dicotomia apresentada entre as línguas de ritmo silábico e acental e a interferência que a L1 causa na aquisição de uma língua estrangeira, nota-se que os brasileiros falantes de inglês como L2 não fizeram uma transferência de características fonéticas da L1 que interferisse de forma relevante na produção oral.

Considerando que a leitura de sentenças não houve uma diferença significativa no que toca o ritmo da fala, podemos inferir para pesquisas futuras a análise de eventos linguísticos maiores, como o estudo acerca de eventos reais de conversa, possibilitando um maior número de elementos analisáveis. Levando em conta também os parâmetros métrico-melódicos, os quais são mensuráveis numericamente com base na frequência fundamental (F0).

A constatação da interferência rítmica do PB durante a produção de eventos fonológicos em inglês pode fornecer subsídios para exercícios de sensibilização auditiva relativa a diferenças rítmicas entre as duas línguas em situação de ensino / aprendizagem (cf: Silva Jr. (2013, 2014).

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, D. **Elements of General Phonetics**. Edinburgh, Edinburgh: University Press, 1967.

- ALLEN, G. D. **The place of rhythm in a theory of language**. Working Papers in Phonetic, 1968.
- AVERY, P.; EHRLICH, S. **Problems of Selected Language Groups**. AVERY, P.; EHRLICH, S. Teaching American English Pronunciation. New York, Oxford University Press, 2012.
- BARBOSA, P. A. **Syllable-Timing in Brazilian Portuguese: Uma Crítica a Roy Major** (Tempo-silábico em Português do Brasil: a critic to Roy Major, São Paulo, DELTA, vol.16, No.2, 2000.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **línguas de ritmo silábico**. *Revista de estudos linguísticos*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 23-58, 2012.
- COUPER-KUHLEN, E. **English Speech Rhythm: form and function in everyday verbal interaction**, Philadelphia, John Benjamins Publishing Co., 1993.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- CUMMING, Ruth E. **Speech Rhythm The languagespecific integration of pitch and duration**, 2010.
- DAUER, R.M. **Stress-timing and syllable-timing reanalyzed**, *Journal of Phonetics* 11, 1983.
- FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma. **Aquisição e Aprendizagem de Segunda Língua**. *Signótica*, v. 7, p. 39-57, 1995.
- FURTADO, J.F.; SILVA Jr, L.J. **Ritmo e Transferência Fonológica, Um Estudo Comparativo de Falantes Brasileiros na Produção do Inglês Como Língua Estrangeira (LE)**. 2016.
- HALLIDAY, M. A. K. (1985). **An introduction to Functional Grammar** (1ª ed.). London: Edward Arnold.
- MAJOR, R. C. **Stress-Timing in Brazilian Portuguese**. *Journal of Phonetics*, 1981.
- MIGLIORINI, Livia; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Sobre o ritmo do Português Brasileiro: evidências de um padrão acentual**. *ReVEL*, v. 8, n. 15, 2010
- MIGLIORINI, Livia. **Considerações Sobre o Papel dos Processos Fonológicos Lexicais e Pós-lexicais na Classificação de Ritmo do Português Brasileiro**. UNESP, 2008.
- MIGLIORINI, Livia. **Ritmo Silábico/Ritmo Acentual: Divergências quanto à definição de Ritmo do Português do Brasil**. *Estudos linguísticos* XXXVI. p. 47-51.
- ROACH, P. **Rhythm and Production: A lecture by Peter Roach**. 2009.
- SILVA Jr, L. **RawMedDuration version 1.0. Script for Praat**, 2018.

SILVA Jr, L. **Interferências Rítmicas do Português Brasileiro no Inglês como L2. O choque acentual.** Tese de Doutorado/ João Pessoa, BC / UFPB, 2013. p. 23-30/62-63.